



UMA VISTA DO FAIAL.

Se os nossos leitores quizerem consultar os indices dos primeiros volumes deste semanario, por elles irão buscar muitas noticias do importante archipelago dos Açores, joia engastada na corôa portugueza. De obra estrangeira tomâmos a precedente estampa, em que a imperfeição do desenho e gravura, mostra ao longe mal designada a ilha do Pico, que é para assim dizer o jardim ou a quinta do Faial. —

O Sr. Julio de Lasteyrie diz assim: — «A ilha do Faial forma uma vasta meia lua, no recesso da qual está posta a cidade d'Horta: as ruas paralelas ao mar sobem successivamente com as latadas de romeiras e outras arvores pelo declive de uma escarpada eminencia. Casas e flores fazem um composto engraçado, donde á vontade se pôde admirar o esplendor do painel, que ante os olhos se estende. Em face está a ilha do Pico, e a sua extremidade penetra na bahia do Faial, que sombrêa com seu magestoso cume. Na falda da montanha, visinha ao mar, crescem as laranjeiras e as plantas dos tropicos; á proporção que o terreno altâa distinguem-se as oliveiras, e as cépas da vinha; mais alem as arvores do septentrião da Europa, e em todo o cimo as neves perpetuas. À esquerda prolonga-se a ponta de S. Jorge, e se entrevê o canal estreito e comprido, que separa esta terceira ilha da outra do Pico: por entre estas terras tão proximas desdobram-se, sob esplendida atmosphera, as vagas tumultuosas do oceano atlantico. Activa navegação dá vida a esta enseada magnifica. Sendo o Faial o ponto dos Açores onde os navios podem sem perigo deixar ferro, acodem estes alli em grande quantidade: os baleeiros americanos vem renovar aparelhos e fornecer-se de mantimentos: embarcações do Maranhão, que o vento obriga a tão larga volta para

irem ao Rio de Janeiro, arribam á cidade de Horta; e outras inglezas carregam-se do vinho do Pico, que ajudado de alguma aguardente semelha o da Madeira. O movimento commercial influe nos costumes e habitos dos moradores, e dá á população d'Horta uma physionomia europea, que não se encontra tão distineta em qualquer outra terra dos Açores.» —

«Para ir do Faial á Terceira dobra-se a ponta occidental da bahia d'Horta, entrando-se pelo canal, que ao occidente é apertado pela ilha de S. Jorge, e a leste pela do Pico.... passagem perigosa de navegar, onde o mar quebra com igual violencia nas duas margens: as correntes são arrebatadas, e os navios que a tempestade tomar de subito nesta paragem, varrida pelo vento, não tem refugio, a que se acolham. — A pouco e pouco a ilha do Pico, de figura oval, afasta-se de S. Jorge; em curto espaço transpõe-se a extremidade desta; descobre-se então a Graciosa, pequena e rotunda, que sahe das aguas como um açafate de flores; e na frente vemos a Terceira com suas penedias escalvadas, e montanhas nevoentas.»

Diz-se que o nome de Faial proviera das muitas faias, que os descobridores lhe encontraram: ventilar questões d'etymologias, sobre desnecessaria ociosidade, é cousa fóra da moda. Chama-se assim, e não ha vozes que desmintam nomes que o povo diz, que os livros geographicos consagram, porque não podem deixar de fazê-lo. Esta ilha tem de comprimento cinco leguas, e de largura quatro; pôde quasi chamar-se redonda: orça-se em vinte e quatro mil habitantes a sua população, divididos pela capital, [que foi elevada á categoria de cidade por D. Pedro de Bragança, de Saudosissima Memoria] e

por nove aldéas e outras povoações de pouca monta. O vinho que produz é de inferior qualidade; o que embarca provem-lhe do Pico; dá cereaes para consumo proprio e da ilha visinha; produz batatas e inhames; mas o genero de cultura, que lhe é mais vantajoso é a laranja, de que exporta uns annos por outros carregação para doze e quatorze navios: assim mesmo nutre bastante gado. A industria limita-se ao fabrico de manteiga, pannos de linho, e loiça ordinaria de barro.

O DUELLO DAS DAMAS.

1.^º

O VALLE de Carriedo é dos sitios mais romanticos da vertente septentrional das Asturias: parece que nello se reuniram todas as naturaes bellezas para simultaneamente realisarem o ideal do poeta e do pintor. Vegetação vigorosa e aromatica, florestas virgens, ordenadas sobre amphitheatro de rochas variegadas; espumosas torrentes, que desde o cimo das montanhas se precipitam como artificiales cascatas; jardins que a natureza criou espontaneos, pensis e fóra do alcance da mão dos homens; caminhos de fantasiosas formas, que remedam escadadas assestadas para as nuvens, frequentadas só pela corça selvatica, ou pelo contrabandista que conseguiu ser o seu intrepido companheiro: nada falta áquella paizagem, verdadeiramente meridional, para fazer um dos quadros mais grandiosos que podem imaginar-se. — No centro deste spectaculo admiravel dão os olhos com a villa da Vega, graciosamente collocada no meio do painel que a circumda, ostentando ainda hoje sob aquelle ameno clima as améas do castello, ennobrecido pelos que em o seculo 16.^º o habitaram.

N'uma serena tarde do mez de fevereiro de 1562, divisava-se um cavalleiro que a passo miudo subia pela escarpada ladeira, que findava no relvoso rocio, sobre o qual o campanario de uma ermida campeava: era esta consagrada a Nossa S.^a de la Vega, padroeira de muita veneração; e a sua festividade annual tinha nesse dia concluido, como annunciam os repiques dos sinos, e os magotes de gente rustica, que se recolhiam ás pousadas, cantando seguidilhas ao divino. O homem que subia o sérro era D. Felix de Vega, senhor e donatario do solar e casaes dessa villa, que com seu apellido era honrada: morador naquelle torrão desde que nascéra, no sitio que para assim dizermos seu pai fundára, tinha crescido, e prosperado, e vivido, sem conhecer um instante de desgraça ou melancolia; e a donzella asturiana, que puzera remate á ventura delle, porventura que não teria nas Hespanhas rival na belleza, como na graça, e ternura d'esposa. Havia porem quinze dias que pela vez primeira, depois de cinco annos de matrimonio, a formosa Francisca Fernandez se achava ausente de seu nobre esposo.

No momento em que D. Felix chegava á corôa do cabeçaio attrahiram-lhe a attenção os clamores que sahiam da ermida, e viu um troço de camponeos encollerisados, e no meio delles agitada e livrando-se uma mulher bastante móça com uma creança nos braços.

«Fóra, fóra a cigana... não está aberta a igreja para taes excommungados» — bradava a chusma empuxando a misera para fóra da capella.

«Não sou cigana, nem excommungada, meus irmãos, ...» — contestava a rapariga com ademanes de supplicante. — «Se o é meu marido, nem por isso deixo de ser hespanola e catholica, como vós sois; e não podeis empecer-me que venha requerer para meu filho o baptismo, que merece tanto como vós merecestes...»

«Não ha baptismo para os malditos...» — Replicavam sem caridade os fanaticos. «Vai para a cova dos feiticeiros; Satanaz que te benza o filho.»

A desventurada māi tinha de ceder á força, e retrocedia já banhando com lagrimas a creanca, que via reproba; neste passo, um sacerdote ancião, como pelas muitas caás demonstrava, apareceu revestido de sobrepelliz no batente da porta, chamado alli pelo alarido dos rusticos: a māi expulsa correu a elle animada d'esperança. D. Felix, sustido por este incidente que complicava a scena, reprimiu o seu primeiro impulso, que o levava a aquietar o tumulto; e chegou-se ao logar da algazarra para melhor indagar a causa e presenciar o desenlace. Um minuto de attenção pôz o ecclesiastico pastor ao corrente do que se passava, e conhecendo sua obrigação melhor que o tropel de amotinados, reprehendeu-os de sua dureza para com a infeliz mulher. Restabelecido o silencio, pôde interrogar a māi, que para seu filho quereria baptismo.

«Quem és?... E donde vens, minha filha?...» — Ihe perguntou com voz meiga.

«Sou Joanna Valdés, mulher d'um cigano, que vaguea nesta comarca: meu marido não é catholico; mas eu não deixei de sê-lo, e venho oferecer a Deus este fructo que dei á luz quinze dias ha.»

«Ainda que christaã não fosses, teu filho tinha jus a sê-lo, já que assim o pedes; porque as fontes sacrosantas do baptismo estão patentes a todas as humanas creaturas.» —

Em seguida, tendo admocestado de novo os camponezes, expôz-lhes que o meio de expiarem seu erro e cegueira era abençoarem elles proprios o menino, que acabavam de amaldiçoar.

«Escolhei do meio de vós [proseguiu] padrinho e madrinha...» —

Apenas o ministro do Evangelho pronunciára estas palavras, teve de interromper com dôr o seu discurso conciliador, vendo que os aldeões, rebrandos deshumanos sentimentos, lhe davam as costas, todos a um tempo, ao retirarem-se murmurando outras pragas contra a presupposta cigana.

«Que é isto? [bradou indignado o sacerdote] todos abalam?... Nem um ficará para envergonhar os mais?... Não haverá uma mulher, uma māi, que se apiade de sua irmã em Jesus-Christo?» —

E no instante em que este caritativo chamamento era pronunciado, sem produzir o effeito de que uma só cabeça para aquella banda se voltasse, chegava uma senhora pela parte opposta a essa por onde vieria D. Felix: presto descavalgou ante o pastor, dizendo: — Serei eu a madrinha desse menino.

— «E eu o padrinho.» — acudiu D. Felix imitando a desconhecida.

Fóra de duvida que teve muita parte a humanidade no rapido impulso da vontade do Sr. de la Vega, que apenas por minutos foi prevenido pela proposição de sua futura comadre: porem outro sentimento mui humano tambem o fizera approximar á formosa dama, pois que víra entre as prégas da mantilha elegante brilharem dois pretos olhos, como estrelas veladas por nuvem rara.

Entraram logo na capella; soaram os sinos, e o menino Felix Paulo Valdés foi devida esolemnemente baptisado, inscripto seu nome no registo parochial de N.^a Sr.^a de la Vega, a par dos do nobre fidalgo D. Felix, e da senhora Paula de los Montes. Nada mais pôde alcançar o nosso cavalheiro naquella occasião a respeito de sua linda e quasi misteriosa comadre, e se quiz obter permissão de visita-la teve de usar do seguinte estratagema. — Ao descer pressurosamente da eminencia, acompanhando a senhora e a cigana, encontrou os magotes do povo que se recolhia, e lembrando-se de pôr á prova o rigorismo delles, convidou-os para no dia seguinte assistirem ao banquete pelo baptismo do novo afilhado: tão golotões como fanaticos, sem reparo de se contradizerem, aceitaram promptos o grato offerecimento; e depois de por entre dentes soltar um epitheto que caracterisava a turba, D. Felix passou a convidar a juvenil madrinha, que não pôde recusar-se a uma festa, dada em obsequio della.

Separaram-se, notificando-se a reunião para o dia immediato no castello de la Vega, e D. Felix veio á sua pousada. — Vinte e quatro horas depois teve lugar o banquete; a linda madrinha fôra obsequiada com honras quasi reaes no castello de la Vega, e D. Felix fizera dois descobrimentos que consignaremos neste logar: — o primeiro, concernente á marquesa de la Puebla de los Montes, da qual soubera quanto cubicára saber: era uma senhora da principal nobreza de Madrid, e viuva: o segundo descobrimento dizia imediatamente respeito ao proprio D. Felix; advertira que se achava perdido de amores por D. Paula.

2.^o

Longe dos olhos, longe do coração; diz o adagio. Tanto mais conhecera este axioma a bella Francisca Fernandez, quanto os zelos haviam tomado assento em seu coração desde o momento em que de seu esposo se apartára. Sabendo que D. Felix tão fraco era d'affectos quanto facil de apaixonar-se, comprehendera com bastante custo uma jornada indispensavel para negocios de familia: e ao mesmo tempo que fazia todo o possivel por abbreviar sua ausencia, fingia prolonga-la para dar a seu marido ou o prazer, ou a licção de uma surpresa. No mesmo dia em que comprehendeu voltar a Vega, escreveu a D. Felix que só ao cabo d'um mez poderia ter o gosto da sua vista. Porem ao chegar ao castello foi ella a sorprehendida em vez daquelle que pertendia tomar de sobresalto. — D. Felix no dia antecedente partira sem dizer para onde, nem quando tornaria, e sem abraçar seus filhos que entregára a mãos mercenarias: não contára com a hospeda, e facil é imaginar-se que suspeitas entrariam no animo de D. Francisca: perguntando a quantos encontrava com a sagacidade propria do ciume exaltado, não tardou que soubesse a aventura da capella, e este fio a conduziu á morada da cigana. Interrogada esta, innocentemente relatou a historia de seus accidentaes bemfeiteiros; e que por vezes a visitaram, distribuindo-lhe dádivas até que a marquesa annunciára sua partida para a corte. — «E com effeito partiu.... perguntou a esposa de D. Felix sobresaltada.» — «Antes d'hontem: respondeu a mulher: e sem perceber o effeito de sua declaração ajuntou — «O Sr. de la Vega veio de tarde fazer-me a mesma pergunta; creio que tambem partiria, porque não tornei a vê-lo. — Não inquiriu Francisca mais noticias;

comprehendeu o enigma; fez esmola á cigana; e sem resfolgar caminhando direita ao castello, brandou á entrada a seus criados: — Já, cavallos aparelhados, cavallos promptos; carruagem a caminho, quero sahir já; que se um pai no accesso de paixão desordenada pôde esquecer-se de seus filhos, a māi tambem só pôde esquecer-los no desesperado auge do ciume.

3.^o

À entrada de uma rua estreita de Madrid, contigua á porta de Guadalajara, uma lanterna pendurada defronte do nicho de S. Fernando despedia vacillante luz e soturna: ao clarão debil e intercadente via-se um cavalheiro, de estatura baixa, com sombreiro carregado sobre os olhos, mascarado, e de espada á cinta; passeava lentamente, parando a intervallos, para advertir se era observado. Tão socegada e silenciosa estava aquella rua, como agitadas as demais da tumultuosa capital: o embuçado já começava a inquietar-se porque só trévas descubria e tudo era mudo; eis que outro cavalheiro, mascarado tambem, de figura e aspecto em tudo similhantes, approxima-se deliberadamente, e mettendo mão aos copos da espada, diz com voz tenue mas resoluta.

«Que fazeis aqui, senhor?»

«Faço o que não tenho tenção de explicar.» — replicou o passeante com mais soberba que firmeza.

«Se não tendes tenção de o declarar, necessito eu sabê-lo.» E o tom da voz era já ameaçador.

O primeiro fez um movimento d'espanto, acompanhado de gestos d'indignação, e indicava reunir todo o seu valor para pedir ao inesperado interlocutor que se retirasse. — «Era o mesmo que ia pedir-vos, cavalheiro, [replicou o segundo] necessito de aqui estar só, onde espero outra pessoa.» —

— «Tambem eu espero; e se o não levais a mal aguardaremos ambos.» —

— «Digo-vos que não pôde ser... Segui vosso caminho por vontade; que senão o fareis por força.»

Esta ameaça proferida insultuosamente fez sem duvida subir ao rosto do primeiro passeante todo o calor do sangue hispano que lhe corria nas veias; porquanto sem consultar se as proprias forças lhe permittiriam arrostar com o provocador, metteu tremulo de raiva mão á espada: o outro o imitou logo, como desejoso de levar as cousas ao peor extremo; e ambos se acharam em guarda, frente a frente, cubicos de vingança, como dois rivaes que sem conhecer-se presumem que o são, e receam, não obstante, desfear o primeiro golpe, quacs meninos que se espantam do sangue derramado. Assim os dois reciprocamente se esforçavam por encubrir a turvação de espirito sob as apparencias da colera. Novo e pungente insulto da parte do provocador poz termo á indecisão: alçaram-se os braços, e os ferros se cruzaram. — Apenas durou um minuto o duello; ao cabo delle o primeiro cavalheiro mediu o chão, soltando um grito, que fez estremecer o outro: accudiu o vencedor a certificar-se de que o seu adversario tão sómente n'uma das mãos fôra ferido, e inclinando-se lhe disse ao ouvido:

— «Marquesa de la Puebla de los Montes, haveremos desempenhado o nosso papel tão bem ou melhor que homens. Lembrai-vos que vos feriu na mão aquella a quem feristes no coração.» —

Neste relance apareceu nova personagem na rua de S. Fernando: Francisca, que reconheceu D. Felix, correu a elle, travou-lhe do braço, e mostrou-

lhe a marqueza desmaiada, que por ordem sua era levada por dois creados.

— «Uma hora mais tarde, a mataria. [disse a ciosa hespanhola] — Vós, senhor, ainda podeis ser digno de mim: vinde pedir-me perdão, e ver nossos filhos.»

Abatido pelo sobresalto e confusão, D. Felix se deixou guiar por sua consorte, como o menino por sua mãe. Narrou-lhe ella o como soubra da sua partida da Vega em seguimento da marqueza; como os descobrirá e espiará em Madrid nas funcções do carnaval, e os colherá na primeira entrevista, designada para a rua de S. Fernando; e a final como havia consummado sua vingança, prevenindo a deshonra. — D. Felix, mais leviano do que culpavel, mereceu imediatamente o seu perdão. Passados nove meses depois desta reconciliação inteiramente hespanhola nasceu D. Lope de Vega Carpio, o primeiro poeta dramático do seu seculo.

Este homem insigne comprazia-se em repetir ás vezes que *por pouco estivera o não ser filho da sua mãe*; e accrescentava que o filho da cigana de Carrero era o celebre Felix Paulo Valdés: o melhor interprete de suas obras, e primeiro tragicó d'Hespanha.

Quanto á marqueza de la Puebla de los Montes, aproveitando a seu modo a terrivel lição de Francisca, recolheu-se a um mosteiro de freiras em Madrid, onde chegou á dignidade d'abbadeça; e ainda ha poucos annos nelle mostravam o seu retrato, facil de reconhecer pela funda cicatriz na mão direita.



MAFOMA.

Por certo que não seria desprovido de natural talento e sobja audacia, apesar da falta d'educação de sua mocidade, um homem que creou, e impôz a muitos milhões d'homens, uma religião nova. Tenacidade na prosecução das emprezas, actividade e perspicacia, foram sem duvida os dotes do falso propheta, Mafoma, como lhe chamámos, ou Abul Kasem Ibn Abdallah Mohammed, como é o seu verdadeiro nome. Nasceu este individuo extraordinario

em Meca; segundo alguns, aos 10 de novembro de 570, e conforme outras auctoridades, aos 21 d'abril de 571. Foi filho unico; e seu pai pertencia á familia Hashem, ramo mui distinto da nobre tribu de Koreish, que presumia descender directamente de Ismael, reputado progenitor da casta arabica; e que tinha adquirido determinado predomínio sobre as tribus circumvisinhas, tanto pela opulencia que lhe facilitava o grosso commercio que faziam, como porque eram os guardiões hereditarios do culto arabico. Os auctores mahometanos não deixaram de inventar prodigios annunciantes do nascimento de Mafoma, assim como fabulados milagres que em vida lhe attribuiram; o que de boamente largâmos á credulidade de seus entusiasmados sectarios.

Logo na meninice Mafoma ficou orphão de pai e mãe, e o tomou para si seu idoso avô, principal ministro da Kaaba, a quem succedeu no cargo, e tutoria da creança, Abu Taleb, tio desta. Mafoma fez com seu tio algumas jornadas ás grandes feiras da Syria, e correu varios passos da vida de contrabandista, em que a sua astucia se desenvolveu: aos vinte annos entrou n'uma expedição contra as tribus predatórias que roubavam as caravanias de Meca: aos 24 casou com uma rica viúva desta cidade, aliança que o metteu de posse de muita cópia de cabedaes. Nas viagens á Syria cultivára seu talento; porem de tudo o que maior impressão lhe fez foi observar a adoração que assim os christãos como os judeus tributam a Deus uno e indivisível, ao passo que os seus patrícios d'Arabia tinham as paredes da Kaaba cobertas de ídolos: traçou desde então mudar a lei do povo em que nascera. Tendo ouvido com admiração muitas passagens da santa Biblia, dotado de viva imaginação, fez uma miscellanea das verdades e factos da Historia sagrada com os delírios de sua cabeça, e as tradições, contos, e visões orientaes, que abundavam no seu paiz natal; e assim compilou o disparatado livro, dito Al-Koran, onde todavia se encontram preceitos de saâ moral, e em meio de absurdos algumas allegorias engenhosas. Querem auctores que neste trabalho fosse ajudado por um monge grego, fugido de Constantinopla por seguir a heresia de Nestorio. Verdade é que muitos dizem que não sabia ler, nem escrever; mas querem outros que fingia esta ignorância para melhor representar o papel de inspirado, e que o tal monge era o seu amanuense. Seja como for, por audacia, entusiasmo visionário, força de riquezas, e auxilio de poderosa parentela, fez-se conquistador, legislador, e por fim ouviu inculcar-se propheta e enviado de Deus, tirando até partido da molestia de epilepsia, de que era por vezes assaltado, capacitando os credulos que os accidentes eram extases em que recebia revelações divinas por mensagem do anjo S. Gabriel. Pelo terror das armas propagou depois a religião mixta que fundará; no que efficazmente foi auxiliado por seu sogro, e seus parentes; distinguindo-se Ali e Omar, cabeças das duas principaes seitas, em que se subdivide hoje o islamismo, seguindo os persas o rito do primeiro, e os turcos as práticas atribuidas ao segundo.

Não obstante tamanhos recursos, experimentou Mafoma ao principio contrariedades, e até perseguições; da sua fugida de Meca [hegira] fizeram os arabes uma nova era, donde computam o tempo. Porem se o embusteiro sahiu de Meca expulso, entrou em Medina triumphante, e desde então da-

tam as suas façanhas guerreiras: tal influencia obteve, que bastará dizer que dando-lhe a mania de visitar a Kaaba, pouco tempo antes da sua morte, o acompanharam nesta peregrinação mais de cem mil pessoas. Era homem de costumes devassos, a que dava falsas cōrres excogitando pretextos para enganar ácerca de suas más qualidades a multidão, que o acreditava: com os despojos de rápidas e extraordinárias conquistas enriqueceu os seus proscelytos. Morreu cercado das honras de seu barbaro povo aos 8 de junho de 622, dizem que em resultado de veneno que uma judia para vingar a morte de seu irmão lhe ministrará, preparando-lhe umas costeletas de carneiro.

Dos ritos, festas, vários pontos de crença, e hábitos dos sequazes de Maomé, temos escripto em diversos n.^os deste Jornal.

ECONOMIA POLITICA.

Considerações sobre o Curso d'Economia Politica, publicado em Paris em 1842 pelo Sr. Miguel Chevalier.

IV.

TORNO a atar o fio das minhas ideias, restringindo-me ás instituições de credito, e digo que não só á agricultura, a outros ramos dà economia nacional devem estender o seu influxo. Insistindo n'esta generalisação do principio do credito, o meu fito é não deixar immoveis nem improdutivos nenhum dos capitaes que existem no reino, grandes ou pequenos, e não só os capitaes que estão em forma de moeda, que são os menores, todos os outros de diferente especie que são os mais consideraveis, e importantes pelo seu valor total: porque tomndo-os como unidade, o dinheiro capitalizado equivale a uma fraccão decimal muito afastada d'essa unidade.

Partindo d'este pensamento, e applicando-o, primeiro, aos capitaes pecuniarios, acho seria de proveito incalculável que essas mesmas sommas, assaz avultadas, que os negociantes e pessoas ricas, e tambem as estações, e estabelecimentos particulares costumam ter de reserva em seus cofres sem dar-lhe destino productivo, se depositassem n'un banco o qual segurando o deposito de todo o risco e accidente se encarregasse de fazer quaesquer pagamentos auctorizados á ordem escripta dos deponentes até á importancia das quantias depositadas; e em uma palavra, servisse de seu caixero, recebesse e pagasse por conta d'elles sem exigir commissão. Para indemnizar o banco tanto do seu trabalho como dos riscos e perdas a que se aventura, serviria aquella parte das quantias depositadas que os deponentes não reclamassem, a qual poderia ser empregada em descontar letras, ou em qualquer outra operação mercantil em proveito e sob a responsabilidade do mesmo banco.

É verdade que o banco de Lisboa está usando esta prática utilissima, mas com muito menos beneficio geral do que deveria ser; porque nem a maior parte das reservas dos particulares, nem dos cofres pertencentes a estabelecimentos publicos ou outros, lá estão concentrados, como fôra para desejar. Talvez não fosse desacertado que para outros pontos commerciaes do reino, onde a affluencia do numerario desempregado pedisse este expediente, deputassem cada um dos dois bancos de Lisboa e Porto caixas filiaes, no intuito de recolher e tor-

nar secundas as reservas metallicas que por lá andassem dispersas: e senão agora, de futuro, pelo menos, não se deve, me parece, abrir mão d'este alvitre. A creaçao, para este fim, de outros estabelecimentos, alem dos que temos, não aconselho, não só porque o giro das transacções do paiz é limitado como elle; mas, principalmente, porque o credito, base essencial das instituições de que me estou ocupando, não se conquista de assalto, inspira-se com o decurso do tempo, com a permanencia, com o bom desempenho e o bom sucesso: circumstancias que só se reunem em estabelecimentos fundados de longos annos.

D'este expediente que acabo de sugerir que não é senão a imitação do que se pratica em Inglaterra com tanta utilidade, e o desenvolvimento da nossa prática propria, resultaria, alem de outras vantagens que não numero, esta que appresento isolada para melhor sobressair; e vem a ser — *lançar na circulação commercial capitaes que o não eram, porque estavam inactivos, e contribuir por elles para o progresso da riqueza publica e particular.*

Como estas reservas de negociantes, pessoas ricas, e estabelecimentos publicos e particulares ha outras reservas ou antes parcellas pecuniarias tenuissimas e impotentes na isolação em que se acham, mas que chamadas a um ou mais centros, e mettidas no movimento productivo, constituiriam, por serem muitas em numero, um capital de grande importancia. São as economias que formam as classes pobres, os operarios e trabalhadores de ambos os sexos que espalhadas por tantos milhares de mãos não podem converter-se em instrumento de produçao para seus donos, nem prestar á industria do paiz os avanços de que ella carece a cada momento. E essas economias poderiam concentrar-se e utili-sar-se pela fundação de caixas economicas. Do modo de organizar as ultimas nada accrescentarei a um trabalho meu que, ha alguns annos, foi publicado, e só direi que de todos os paizes da Europa, com excepção talvez da Russia, onde ignoro se existem estabelecimentos d'esta natureza, Portugal é o unico que ainda os não possue. E não os possue porque lhe faltam elementos para isso, ou porque seja complicado e difícil de comprehendêr o mecanismo dos mesmos estabelecimentos: pelo contrario sobram-lhe os elementos, e causa mais facil do que o mecanismo das caixas não é possivel haver. Bastava boa vontade n'uma duzia de individuos ricos, influentes e respeitaveis das duas cidades principaes do reino, ou ainda mesmo n'un ou dois chefes de estabelecimentos industriaes, para as caixas se fundarem em Lisboa e Porto. Fundadas nestes dois pontos, lavraria bem depressa n'outros o exemplo, mesmo sem intervenção e auxilio de lei que seria conveniente, mas não é indispensavel, e então cederia Portugal do privilegio que ainda conserva, sem que lho inveje, supponho eu, nenhuma nação, de estar mais atrazado n'esta materia do que a Noruega, a Hespanha e o Brazil.

Com a adopção do systema dos depositos avultados no banco, e dos depositos diminutos nas caixas economicas, poucas reservas ou valores pecuniarios das classes abastadas, ou das que o não são, ficariam por capitalizar.

Restam, paralyticos como já adverti, alem dos pecuniarios, outros valores, de diferente especie, e de muito maior monta, aos quaes deveria tambem imprimir-se o movimento da rotação commercial. O modo de o conseguir vou explicar com o exem-

pto de Inglaterra apontado no Diccionario do Commercio, artigo =Docks=, donde o tirei. Em Inglaterra logo que entra nos armazens d'estes portos ficticios [não lhe chamo tercenas, porque com este vocabulo daria uma idea imperfeita do que elles são] uma carregação completa, ou uma porção de mercadorias, assucar, chá, café, algodão, bebidas espirituosas &c., a administração entrega ao deponente um certificado (*warrant*) em que atesta a natureza, a qualidade, e a quantidade ou o peso das mercadorias e a sua procedencia. O proprietario d'este titulo pôde negocia-lo por endosse, troca-lo a dinheiro, consigna-lo em penhor de um emprestimo, e com elle emprehender quaequer operações commerciales, sem ter que pagar direitos de alfandegas nem despezas de transporte, e sem se aventurar a vendas precipitadas, a baixas e aos accidentes variadissimos dos preços, e um valor que sem este recurso do credito seria morto e improductivo por algum tempo, com elle circula desde logo com a rapidez de uma letra de cambio em beneficio de seu dono, e do commercio nacional.

O expediente que acabo de referir poderia, até certo ponto, ser praticado em Portugal, e ampliado talvez a muitos casos em que os gencros e mercadorias se acham, por alguma circumstancia, seqüestrados da circulação. É meio, engenhoso certamente, de as mobilizar. Mas se é util este metodo de mobilizar as mercadorias, porque não será [dir-me-hão] igualmente proveitoso algum outro analogo de mobilizar os bens de raiz? Em these, não ha duvida, se affigura de vantagem incalculavel representar estes bens por um papel que girasse com a mesma presteza que as letras de cambio ou as notas de banco: diferentes projectos, mais ou menos especiosos, tem aparecido com este pensamento e intuito: nem agora me deterei eu a reproduzi-los. Pôde ser que da sua execução pendam os brilhantes destinos que estão reservados, ou promettidos, ás sociedades futuras. Mas que outros tentem a aventureira experientia: nós devemos ficar de observação, á espera do resultado, para nos guiamos por elle. Promova-se a circulação da propriedade rural ou dos seus productos, abrindo estradas, e canaes. Represente-se e mobilise-se aquella parte da mesma propriedade, com que se hão-de pagar os avanços feitos á cultura, por uma moeda papel como propozemos. Mas não ensaiemos uma mobilisação completa e absoluta, com receio, como exprimiu Degerando, de que a escrava ha pouco emancipada das cadeas feudais — a terra — não vá, como o liberto licencioso, embriagar-se nas orgias da agiotagem, ou perecer no abysso das loterias!

Similhante á que se usa com as mercadorias na Inglaterra, ha entre nós uma mobilisação, que é a dos ordenados vencidos dos empregados publicos, e se realiza por meio de um titulo que se lhes entrega e elles podem negociar. Mas em rigor não são ordenados que assim se mobilisam: o que de feito, posto que indirectamente, se mette em giro é aquella parte da propriedade rustica e urbana, e do trabalho donde sahem os impostos, com os quaes se hão-de pagar os vencimentos do servidor do estado. Esta mobilisação, parcial e indirecta, é util ao créder, sem ser damnosa á riqueza publica. Outra ha porém, cujos resultados desastrosos nos devem precaver contra a latitude demasiada e o abuso deste recurso: — a mobilisação do trabalho, dos capitaes, da propriedade de nossos filhos e netos operada por emprestimos rui-

nosos. Mobilisa-se assim, na verdade, completamente, e representa-se com papeis de credito a fortuna antecipada das gerações futuras: mas alienam-se, vendem-se, sujeitam-se a uma escravatura horroiosa, por este meio iniquo, quando é desordenado, essas gerações. Este exemplo é um aviso permanente contra os perigos de abraçarmos, sem discrição, tão arriscado recurso.

(Continuar-se-ha).
A. d'O. Marreca.

Botanica.

SOBRE A CAPRIFICAÇÃO DOS FIGOS.

(Conclusão.)

Os figos caprificados engrossam e amadurecem dentro de poucas semanas; os cultivadores tem cuidado de os colher logo, de os secar ao sol e depois no forno, não só para os fazer durar, mas tambem para lhes matar os germes dos insectos nos ovos, que sem isso não deixariam de dar bichos no interior dos figos: maduros, e comidos no seu estado fresco não deixam de ser agradaveis, mas com o calor do forno perdem muito da sua delicadeza e bom gosto; por isso, e pela sua constrangida amaduração geralmente são menos estimados do que os figos não caprificados e sómente passados ao sol.

A causa porque os figos caprificados não cahem e amadurecem mais depressa, tem sido variamente explicada. Segundo a theoria dos antigos philosophos, que Plinio nos transmittiu, dependia da diminuição dos succos lacteos do figo verde, que o insecto chupava, auxiliada pelo ar fertilisante, e luz do sol, que entravam pelo olho do figo aberto pelo insecto: elles pensavam que os ditos succos eram demasiados, que faziam o pé do figo muito tenro, que pesavam demasiadamente sobre elle, e o faziam fragil e cahido; mas que sendo o figo, pelo assim dizer, desmammado na sua infancia muito cedo, enrijava no seu pé mais cedo e não cahia: accrescentavam, que a força deseccativa da poeira das estradas, e do vento norte, como tambem a magreza dos terrenos, faziam o mesmo que os insectos, e que por isso as figueiras plantadas em taes situações não precisavam de ser caprificadas. Esta theoria foi seguida por muitos botanicos até estes ultimos séculos, e ainda por J. Bauhino na sua eruditissima Historia dos vegetaes; mas ella parece incompativel com a ordem physica da vegetação; porque a diminuição dos succos alimentares deve fazer emmagrecer e não engrossar, e a força deseccativa deve fazer cahir os fructos em vez de os sustentar: pelo contrario, o que faz acudir mais succos aos figos, e nelles estabelecer uma fermentação saccharina, como fazem as picadas dos insectos, parece antes ser a principal causa dos figos não cahirem, de engrossarem, e de amadurecerem mais depressa. Quando os figos, tanto bravos como domesticos, são muito numerosos, de modo que a arvore materna lhes não pôde subministrar a porção sufficiente de succos, que elles exigem para se nutrirem, ficam pequenos, enfézados, e muitos delles cahem pêcos; isto mesmo succede ás vezes, ainda não sendo muito numerosos, se sobrevem tempos muito secos; ou quando a arvore se acha doente e as suas folhas enferrujadas ou atacadas do morilhão; emfim

quando as folhas são duras, velhas e caducas, que já não podem absorver da atmosphera fluidos, nem bem elabora-los para nutrir os figos, os quaes então cahem ou apodrecem, como geralmente sucede aos do outono.

O grande e célebre Linneo reflectindo que os tenrinhos germes dos fructos, que por causa das chuvias, geadas e outros contrários incidentes, ou por falta de pollen das antheras de flosculos masculinos, não são fecundados, ordinariamente cahiam, pensava que o mesmo sucedia a alguns figos domesticos, persuadido de que estes constavam sómente de flosculos femininos, cujos germes dos pistilos não eram fecundados por lhes não poder de fóra entrar pollen algum, o seu olho ou orificio achando-se na florescencia nímiamente fechado: pelo contrario, pensava que elles não cahiam quando eram caprificados, isto é, quando nos ditos pistilos os mosquitos espargiam o pollen das antheras dos flosculos dos figos bravos que apegado a si traziam, fiosculos que elle julgava serem todos masculinos. Capacitado de que isto assim era na realidade chamava ao mosquito, conductor do pollen, o cupido da caprificação, e allegava este facto como uma prova mais de haver sexos e geração nos vegetaes, no que foi seguido por toda a sua escola. Mas hoje alguns botanicos pensam que este facto, bem longe de ser convincente, é muito duvidoso, e mesmo falso, como se pôde reconhecer pelas razões seguintes.

O figo bravo [em qualquer estado que se considere, quando delle sahe o insecto] deve sempre supor-se ser composto de sementes ferteis, quer o insecto nelle se tivesse criado até á sua transformação e saída, quer nelle de fresco tivesse entrado para picar as tenrinhas sementes, e depois disso logo sahir carregado de pollen para ir picar outras em outros figos; por conseguinte em ambos estes casos o figo bravo não é puramente masculino; no primeiro caso o insecto criou-se nas sementes, no segundo picou-as, e sahio com pollen capaz de fecundar, isto indica um figo perfeitamente monoico, e faz crer que igualmente o fosse o do primeiro caso.

Quanto ás variedades de figos domesticos, que se caprificam, não ha prova alguma certa que nellas hajam individuos puramente femininos; antes é provável que todos são monoicos, isto é, que os seus figos contem flosculos masculinos e femininos; todos os que até agora se tem observado em Portugal assim são: ora sendo neste paiz, e outros de temperatura similar, o pollen dos outros figos monoicos suficiente, e de perfeita qualidade para poder fecundar os flosculos femininos, porque não será assim o pollen dos flosculos dos figos caprificados, ficando superfluo o que nelles introduzem os insectos? Ha toda a probabilidade que assim suceda; e se isso não obstante, cahem quando não são caprificados, a causa deve atribuir-se á falta suficiente de succos, como por ella sucede a muitos outros fructos posto que bem fecundados; falta que é prevenida com as picadas dos insectos, que fazem acudir uma affluencia de seiva suficiente para bem nutri-los e suste-los. Com effeito, as picadas com que os mosquitos estragam os vasos do orificio do figo e do germe do pistillo, devem na verdade occasionar uma grande extravasação dos succos, que então em grande parte devem refluir para a polpa do figo, e faze-lo engrossar; o ovo, e larva do insecto dentro das sementes são um estimulo continuado, que faz entreter a affluencia seiva, como observámos suceder na formação de toda a sorte de ga-

lhas, ou bugalhos; o ar, luz, e calor introduzido pelo olho do figo contribuem ao principio para que se não cicatrizem as feridas, para occasionar inflamação, e por sim para se estabelecer uma certa fermentação saccharina, com que os fructos se adocam, e se accelera a madureza do figo, da mesma sorte que sucede ás peras, maçaas e outros fructos picados pelos insectos, e sucede aos mesmos figos ainda verdes, quando ferimos e alargâmos o seu olho com um alfinete, palito, ou palha.

Do que fica exposto se deduz, que não é a fecundação dos flosculos dos figos, quaisquer que sejam, feita por meio do pollen das antheras, nem é o conterem elles sementes com miolo, a verdadeira causa porque deixam de cahir e vingam bem, mas sim a affluencia dos succos necessarios para a sua devida vegetação, quer estes sejam com abundancia naturalmente subministrados, quer artificialmente, ajudando-se, ou constrangendo-se a natureza a subministra-los, quando ella quer ser mesquinha. Em Inglaterra, Hollanda, Alemanha, e em todos os paizes frios do norte da Europa, aonde o pollen das antheras dos figos monoicos se não pôde bem aperfeiçoar, as sementes são estercis e chochas, mas os figos medram e vingam muito bem, porque a natureza ahi lhes dá os succos necessarios para o seu pleno crescimento e madureza; vemos suceder isso mesmo a muitos fructos bastardos, isto é, a muitos receptaculos, pericarpos, calices, e outras partes accessivas dos orgãos sexuaes, e das sementes, os quaes pelos succos competentes, e forças vitaes podem crescer e vingar bem, sem conterem em si sementes ferteis, e ás vezes mesmo nem vestigios delas, como as bananas, alguns morangos, algumas laranjas, peras, uvas, e muitos outros fructos denominados sem pevides.

DA POTASSA.

A POTASSA é um sal alkali fixo, que se extrahe das cinzas das madeiras queimadas. Fabrica-se em abundancia na Suecia, Polonia, Dinamarca, &c. e em todas as florestas de Alemanha.

A boa potassa obtém-se deixando queimar as madeiras ao ar livre, assim de que a sua parte gorda e oleosa se dissipe; separam-se então das cinzas tanto quanto é possível os carvões que vão misturados; e a agua fria que serviu a lavar estas cinzas, estando sufficientemente carregada deste sal, filtra-se e evapora-se até a seccura; e logo que o sal estiver bem secco, aquece-se em um forno, onde se tem algum tempo neste estado, sem lhe permitir que entre em fusão. Esta calcinação repete-se tanto quanto é necessário, o que fornece por este meio um sal alkali fixo, livre de todo o phlogistico.

Na fabricação do salitre, a potassa é preferivel ás cinzas ordinarias de que vulgarmente se servem, por diversas razões. 1.^a As cinzas, sendo a maior parte o refugo das outras artes, contém muito pouco ou nenhum alkali fixo. 2.^a A cinza ocupa um terço da capacidade das covas na qual se faz a lexivia; a quantidade de terra salitrosa é tanto menor, e della resulta uma diminuição proporcionada na quantidade de salitre que se obtém; por outra parte, a cinza, que é um corpo poroso, retém em pura perda uma dissolução de salitre proporcionada á quantidade de agua que esta cinza é suscetível de absorver. 3.^a As cinzas, commummente impregnadas de muitas particulas gordurentas, e

extractivas de matérias que só podem prejudicar á qualidade do salitre, empatam-no e impedem-no de bem se cristalizar.

É pois necessário para a fabricação do salitre, não pôr no fundo das covas senão uma mui pequena porção de cinza para servir de filtro, e substituir o resto por uma adição de potassa; isto, é que depois de haver enchido as covas de terra, põe-se em cinza na abertura destinada a levar á agua a quantidade de potassa que se quer empregar, depois do que se faz a lexivia da maneira costumada, e então a agua dissolve a potassa, a qual, filtrando-se através da terra, encontra o nitro na base terrosa, e decompondo-o transforma-o em salitre; em ponto, que, se a quantidade de potassa foi bem proporcionada, a lexivia que correr não tem agua amargosa.

Só as terras novas é que se tratam por meio da potassa, porque sendo lavadas sucessivamente por três diferentes aguas, nenhuma potassa restará sobre a terra que por ella foi tratada.

G.

METHODO DE DAR A CÓR BRONZEADA AOS CANOS DE ESPINGARDA.

Os ingredientes que entram para a composição que hade produzir esta cór são os seguintes:

Ácido nitrico	$\frac{1}{2}$ onça.
Espírito de nitro doce ...	$\frac{1}{2}$ onça.
Espírito de vinho	1 onça.
Vitriolo azul	2 ditas.
Tintura de aço ou ferro ..	1 dita.

Tendo antecipadamente dissolvido o vitriolo em uma suficiente quantidade d'água, de sorte que a totalidade da mistura faça $2\frac{1}{2}$ quartilhos, misturam-se os outros ingredientes, e teremos a composição com a qual devemos operar para se obter a cór bronzeada, e a aplicaremos do modo seguinte.

Primeiramente limpar-se-ha o cano da espingarda muito bem, de qualquer cousa oleosa ou suja, e pondo-lhe na boca uma cavilha, ou rolha de páu, de modo que o vento fique bem tapado, se lhe dará a sobredita composição com uma esponja limpa, havendo cuidado em a distribuir com igualdade pelo comprimento do cano, depois do qual se deixará exposto ao ar por espaço de 24 horas, passadas as quais se esfregará bem o dito cano com uma escova aspera, e com um trapo, para que a superficie fique livre do óxido.

Este processo será repetido segunda, e terceira vez [sendo necessário] e assim ficará o cano com uma perfeita cór abronzeada, e depois de bem esfregado com a escova, e bem limpo, mette-se em agua a fervor, na qual previamente se terá lançado uma pequena quantidade de matéria alcalina, assim de destruir a ação do ácido sobre o cano, e a impregnação da agua pelo ácido neutralizado. Quando o cano da espingarda se tira d'água, e está inteiramente enxuto, aliza-se com um brunidor de páu, feito de madeira bem rija, e dá-se ao cano um gráu de calor quasi igual ao da agua a fervor, para ficar pronto a receber o verniz composto dos seguintes ingredientes:

Espírito de vinho	$2\frac{1}{2}$ quartilhos.
Sangue de drago	3 oitavas.
Laca de concha moida ..	1 onça.

Dado o verniz, e quando estiver inteiramente séco,

esfrega-se com o brunidor para lhe dar polimento e lustro fixo.

O uso desta composição nos canos das espingardas dá a vantagem de os conservar por mais tempo, livres da ferrugem, e dos danos e trabalho resultante da assidua limpeza, e torna-os menos captivos e de mais duração: hoje é quasi geral o uso que delle se faz na Europa, e até se pode aplicar ás peças de artilharia de pequeno calibre.

Modo de restituir e conservar a sobredita cór.

Quando o cano da espingarda está muito roçado em consequencia do uso que delle se tem feito, dá-se-lhe um pouco de ácido vítrílico, e pratica-se o que deixámos dito no processo para a primeira cór bronzeada, tendo precisamente tido o cuidado de enfraquecer a ação do ácido por meio d'água fervendo.

Aos canos bronzeados que tiverem contínuo uso pode conservar-se constantemente a mesma cór, pondo-lhe vinagre que se deixará na sua superficie por espaço de um dia, e lavando-o depois muito bem com agua a fervor.

Este processo sendo repetido mensalmente conserva a cór de que temos falado, por espaço de muitos annos.

G.

Pais barbaros. — Kolff na viagem do Dourga diz: — « Alguns naturaes da Nova-Guiné (*) dignos de credito me afirmaram que se um papua da costa cubica alguns dos generos levados pelos negociantes estrangeiros, e não tem outros da terra que dê em troca, não hesita em pegar de um ou dois de seus filhos e permute-los pela fazenda que deseja: e se acaso os filhos não estão alli á mão no acto do ajuste, pede os rapazes emprestados a qualquer vizinho, promettendo dar-lhe outras tantas cabeças logo que os seus lhe appareçam; e este empréstimo nunca é recusado. Parecia-me isto quasi incrivel: porém os naturaes, já policiados, e merecedores de fé, unanimes confirmam o facto: e eu conheci pais, que venderam seus filhos, quando acharam que lhes era mui pesado sustentá-los, sem lhes importar se os tornariam mais a vêr, nem o que seria feito delles. »

Um individuo que se prezava de ser fidalgo, porém mal procedido, lançava em rosto a Iphicrates a vileza de ser filho de um capateiro. O general Atheniense sem se estomagar olhando com desprezo para o devasso nobre lhe respondeu: — Amigo, a minha geração principia em mim, mas a tua acaba em ti.

Tendo notícia elrei D. João 2.º, que certo corregedor da corte era pouco limpo de mãos, e mui remisso para as partes, lhe disse um dia, em que em audiencia este lhe ia beijar a mão: — Corregedor, olhai por vós, e da maneira que viveis, porque me dizem que tendes as portas cerradas e as mãos abertas!

A resistência enfraquece, a resignação fortalece.

(*) Grande ilha a leste das Molucas; chamou-lhe assim Alvaro Saavedra quando a descobriu, pela pretidão da cór e carapinha revolta dos habitantes: também é dita « a terra dos papuas. » Por tempos se creu que era pega à Nova-Holanda: separa-as porém o estreito de Torres.